

J. U. C. F.



CURSO DE FORMAÇÃO DE MILITANTES

Fátima - Verão de 1957

P R O G R A M A

Dia 5 Chegada a Fátima

- 18,00 h. - Terço na Capelinha das Aparições
- 18,30 h. - Reunião de Abertura: Objectivo do Curso - Razão de ser dos temas escolhidos - Orientação a seguir.
- 20,00 h. - Jantar
- 21,15 h. - "A J.U.C.F. como nós a vemos" (reunião geral - pequena exposição, com discussão)
- 22,30 h. - Completas

Dia 6

Fundação Cuidar o Futuro

- 8,15 h. - Prima, Meditação e Missa
- 9,30 h. - Pequeno Almoço
- 10,15 h. - "Pensar com a Igreja" (reunião geral)
- 11,30 h. - A formação de base para o apostolado (trabalho por grupos)
- 13,00 h. - Almoço
- 14,30 h. - Continuação do trabalho dos grupos
- 17,00 h. - Merenda
- 17,30 h. - Síntese do trabalho dos grupos, Linhas de orientação para o próximo ano.
- 19,30 h. - Terço e Bênção do S.S.
- 20,00 h. - Jantar
- 21,15 h. - Centros de interesse vários (lares, ultramar, chefe de equipa, presidentes, secretárias, tesoureiras)
- 22,30 h. - Completas

Dia 7

- 8,15 h. - Prima, Meditação, Missa
- 9,30 h. - Pequeno almoço
- 10,15 h. - "Orar com a Igreja" (reunião geral)
- 11,30 h. - O problema do crescimento da J.U.C.F. (trabalho por grupos)
- 13,00 h. - Almoço
- 14,30 h. - Continuação do trabalho por grupos
- 17,00 h. - Merenda
- 17,30 h. - Síntese final - Orientações a adoptar no próximo ano
- 19,30 h. - Terço, Bênção do S.S.
- 20,00 h. - Jantar
- 21,15 h. - As Jornadas de Fátima
- 22,30 h. - Completas

Fundação Cuidar o Futuro

Dia 8

- 8,15 h. - Prima, Meditação, Missa
- 9,30 h. - Pequeno almoço
- 10,15 h. - "Sofrer com a Igreja" (reunião geral)
- 11,30 h. - Iniciativa e plasticidade (trabalho por grupos sobre casos)
- 13,00 h. - Almoço
- 14,30 h. - Continuação do trabalho por grupos
- 17,00 h. - Merenda
- 17,30 h. - Apuramento do trabalho dos grupos
- 20,00 h. - Jantar
- Serão
- 23,00 h. - Vigília pela intensificação de vida cristã entre as universitárias e pelas Jornadas

Dia 9

- 8,15 h. - Prima, Meditação, Missa
- 9,30 h. - Pequeno almoço

PARTIDA

Formação de base para o apostolado de leigos



I

Introdução

Por formação de base para o apostolado dos leigos, entende-se tornar o fiel perfeitamente consciente dos seus deveres de cristão e espiritualmente apto a cumpri-los.

Isto implica, sem dúvida, um certo número de conhecimentos; mas é fundamentalmente uma disposição de espírito que, apoiando-se numa vida espiritual intensa, se traduz por essa mesma vida.

Isto supõe, em 1º. lugar, no plano religioso, uma visão dinâmica da Mensagem Cristã, continuamente aprofundada numa vida de Fé; e, principalmente, um sentido de Deus e do seu plano, sendo o cumprimento desse plano o fim único da existência. Por outro lado, também, no domínio simplesmente humano, esta formação de base se deve exercer, por uma valorização do homem em todos os seus aspectos, por um desenvolvimento de certas qualidades naturais que não-de ser sobrenaturalizadas pela graça. Esta formação é base indispensável para o apostolado dos leigos e compreende ainda um conhecimento profundo, quer do nosso meio de acção, quer de técnicas, quer dos meios de actuação. (adaptado da documentação elaborada pelo Comité permanente dos Congressos para o Apostolado dos Leigos)

Fundação Cuidar o Futuro

Conceito de formação de base para o apostolado de leigos

- 1 - Que idéia temos da formação de base que um leigo deve possuir para que possa ser apóstolo?
- 2 - Partindo da análise das nossas principais falhas no apostolado, tentar caracterizar os principais aspectos sobre que deve incidir a formação de base para o apostolado

III

Meios de formação de base para o apostolado

- 1 - Tendo presente que toda a formação autêntica é eminentemente pessoal e pressupõe um desejo vivo de a alcançar, será da maior importância toda a acção que visa consegui-lo. Quais os meios de que dispomos para isso? Que podemos nós, militantes, fazer, já que nos cabe sem dúvida uma responsabilidade muito particular neste aspecto?
- 2 - Que actividades se poderão criar com vista a concorrer para uma formação de base para o apostolado de jucistas?

IV

Formação pela acção

O trabalho de formação não deve entravar a acção apostólica, nem esta comprometer aquela. Não são dois campos distintos mas um mesmo, visto em perspectivas diferentes. Como será possível aproveitar a própria acção para a formação?

Teremos já adquirido o hábito indispensável da reflexão sobre a acção?

2º. DIA

O Crescimento da J.U.C.F.

I Questão: A entrada de novas

Ao reglizer o seu mandato apostólico, a J.U.C.F. tem de enfrentar a questão do seu crescimento. Não se trata de descobrir o processo de conquistar "simplicizantes", mas de chamar outras pessoas ao apostolado pela comunicação de um ideal apostólico.

1. Tendo presente a situação actual; parece que se está a conseguir essa comunicação profunda do ideal apostólico?
2. Deve a preocupação de despertar nas outras uma vocação apostólica ser confiada a alguém dentro da J.U.C.F. ou constituir preocupação comum de todas as juicistas? Como deve ser atendido o caso das caloiras?
3. Quais os meios mais eficazes de comunicar um ideal apostólico?

II Questão: A formação das novas

Uma vez despertado o desejo de ser apóstola, importa proporcionar, às novas, possibilidades de se formarem em ordem a missão apostólica que vão assumir.

1. Quais os aspectos sobre que deve incidir, relativamente às novas, uma formação de base mínima?
2. Como deve ser ministrada a formação das novas em cada um dos aspectos atrás definidos?
3. É compatível a acção apostólica das novas com a sua formação? Em que condições se pode fazer uma sem comprometer a outra?

III Questão: Crescimento sem "hiato"

A J.U.C.F. tem registado nos últimos anos um aumento considerável de membros. Isto, se é motivo de regozijo, é também fonte de preocupação pelos problemas a que pode dar origem. Vamos reflectir e procurar solução para alguns:

1. Em consequência do crescimento da J.U.C.F., a sua estrutura torna-se necessariamente cada vez mais complexa, o que, por vezes, pode esconder a "alma" das coisas. Como será possível impedir que tal se verifique? Sobretudo em relação às mais novas, como se poderá evitar que algumas "coisas" lhes possam parecer demasiado esquemáticas e impessoais?



2. A multiplicação de tarefas e serviços a que a dimensão actual da J.U.C.F. obriga, exige que alguns dos seus membros dediquem a maior parte do seu esforço ao estudo e orientação do Movimento. Isto leva a um afastamento físico das outras militantes. Como conseguir, por um lado, que tal afastamento se não transforme em alheamento de realidade; e, por outro lado, como tomar compreendidas as limitações de contactos humanos a que as exigências dos cargos, por vezes, obrigam?

3. À medida que cresce, a J.U.C.F. vai acumulando doutrina, experiências apostólicas, etc. que não devem perder-se na comunidade jucista, embora não tenha de se estar necessariamente a fazer-lhes referência.

Que valor tem esta tradição do Movimento em relação ao seu crescimento orgânico?

Qual o meio de garantir a transmissão da "tradição" jucista às novas?

3º. DIA

Iniciativa e plasticidade no apostolado

1. Francisca é chefe de uma equipa de jucistas muito novas. Para lá das suas actividades apostólicas propriamente ditas, a equipa tem como ponto de estudo comum um dos temas do plano de formação base.

Acontece que as jucistas desta equipa não têm preparação para acompanhar o tema. Que iniciativas se espera que a militante tome num caso destes?

Fundação Cuidar o Futuro

2. A equipa de Luísa não tem uma vida muito intensa; as jucistas que a formam não são muito unidas e qualquer pretexto as faz faltar a reunião, pelo que Luísa tem grande dificuldade em reuni-las semanalmente. Mas cada militante tem de descobrir a forma de a todas interessar... Que pode a Luísa fazer?

3. A equipa de Maria procura cumprir escrupulosamente os diversos pontos da reunião. Estudam o tema, fazem exame de actividades; no entanto, Maria verifica que têm grande dificuldade em fazer meditação. As jucistas nada tem a acrescentar, todas concordam com o que uma, mais inspirada, diz. Maria chegou a desistir da meditação.

Sendo a meditação posta em comum uma das bases em que deve assentar a vida da equipa, que poderá Maria fazer para resolver essa dificuldade?

4. Elvira veio do Conselho de presidentes "arrasada". Tantos planos, tantas orientações, tantos avisos... Pelo caminho pensa "Teoria a mais. Na minha Faculdade não se aplica nada disto. É tudo diferente!"

Fernanda, por seu turno, saiu a pensar: "Na primeira reunião de militantes vou pôr tudo isto em execução. É certo que nem todas as orientações do conselho deverão dar resultado. Mas ordens não se discutem..."

Comente-se as atitudes de Elvira e de Fernanda face às orientações trazidas do Conselho de presidentes para as respectivas secções.

5. A João anda preocupada com a aproximação das férias porque receia que os progressos feitos na vida da equipa durante o ano se percam com a separação das jucistas.

Que poderão fazer para que continuem a ajudarem-se na vida espiritual e na valorização cultural? E em relação às suas colegas não jucistas, que tipo de acção será possível em férias?

6. Joana vive no receio constante de levantar questões familiares por causa de actividades da J.U.C.F. em que anda envolvida.

Não poderá ela atenuar essa má impressão provocada?

Por outro lado, sente um divórcio entre as suas inquietações apostólicas e as preocupações do seu meio familiar. Que iniciativas tomaria no lugar dela para o evitar?

7. A maior amiga que a Helena tem na Faculdade não é católica. Helena estava convencida de que ela se converteria ao fim de algum tempo só pelo seu testemunho. No entanto verifica que ela está ainda agarrada a muitos preconceitos e que não consegue transpôr certos obstáculos.

Que meios ao seu alcance poderá ela empregar para apressar a conversão dessa rapariga?

8. Maria estuda habitualmente com duas colegas. Boas raparigas. Ambas se dizem católicas. Raramente faltam a Missa ao domingo. Fazem a Comunhão Pascal. Mas para elas o Cristianismo é mais uma tradição do que uma Mensagem da vida. Maria inquieta-se por as suas companheiras não viverem um catolicismo autêntico - vivo, dinâmico, apostólico.

Que iniciativas poderá a Maria tomar para provocar uma tomada de consciência por parte das suas colegas? (teria interesse admitir que cada uma das colegas de Maria tinha um feitio diferente)

9. A Isabel estava numa gula em que o professor, a certa altura, fez uma afirmação muito discutível, do ponto de vista científico, acerca da Igreja. A afirmação partiu para considerações pessoais pouco respeitadas para com a Igreja. Que atitude deve Isabel tomar? (Seria interessante distinguir as várias condições em que Isabel pode encontrar-se: estar ou não segura da matéria, ser ou não boa aluna, etc.).

10. Há dois anos que a Manuela tem um grande desejo de fazer retiro, mas a família não a autoriza. Que poderá ela fazer para que, sem marcar atitude ostensiva em relação à família, possa tomar parte no retiro? Poderão as jucistas da equipa e, em especial, a chefe de equipa, ajudá-la de algum modo a vencer as suas dificuldades familiares?

11. Em certa Faculdade, a Associação Académica pretende, através da sua secção cultural, organizar um ciclo de conferências. Da Direcção da Associação não faz parte nenhuma jucista.

As militantes da secção pensam, e com razão, que uma tal iniciativa é de maior importância.

Poderão exercer alguma influência ou terão de aguardar os acontecimentos? Para mais, em pleno período de actividades jucistas...